

## Tudo O Que Sobe Tem de Convergir

O médico tinha dito à mãe de Julian que ela devia emagrecer dez quilos por causa da tensão arterial, pelo que todas as quartas-feiras à noite Julian acompanhava-a de autocarro até à aula de ginástica na YMCA<sup>1</sup>. A aula de ginástica fora concebida para mulheres trabalhadoras com mais de cinquenta anos, entre os setenta e cinco e os noventa quilos. A sua mãe era uma das mais magras, mas costumava dizer que as senhoras nunca revelavam o peso nem a idade. Desde a integração<sup>2</sup> que se recusava a andar de autocarro sozinha durante a noite, e uma vez que a aula de ginástica era um dos seus poucos prazeres, e ainda por cima *gratuita*, achava que Julian podia pelo menos fazer o sacrifício de a acompanhar, tendo em conta tudo o que ela fazia por ele. Julian não gostava de ter em conta tudo o que ela fazia por ele, mas todas as noites de quarta-feira enchia-se de coragem e levava-a.

Ela estava quase pronta para sair, de pé em frente ao espelho da sala, a pôr o chapéu, enquanto ele, com as mãos atrás das costas, parecia pregado ao umbral da porta, como São Sebastião à espera que as flechas o trespassassem. O chapéu era novo e custara sete dólares e meio. Ela não parava de dizer «Se calhar não devia ter gasto tanto dinheiro. Não, não devia. Vou devolvê-lo amanhã. Nunca devia tê-lo comprado.»

Julian ergueu os olhos para o céu. «Não, claro que fez bem em comprá-lo», disse. «Agora ponha-o na cabeça e vamos embora.» Era um chapéu hediondo. A aba de veludo púrpura, dobrada para baixo de um dos lados, arrebataba do outro; o resto era verde e com o as-

peto de uma almofada vazia. Decidiu que era menos cômico do que garboso e patético. Só as coisas mesquinhas davam prazer à mãe e isso deprimia-o.

Ela ergueu o chapéu mais uma vez e colocou-o lentamente na cabeça. Duas faixas de cabelo grisalho sobressaíam de cada lado do seu rosto rubicundo, mas os olhos azul-claros permaneciam tão inocentes e imaculados como deviam ser aos dez anos. Não fosse ela uma viúva que lutara arduamente para o alimentar e vestir e educar e que ainda o sustentava, «até ele se estabelecer», poderia passar por uma rapariga nova antes de um passeio à cidade.

«Está ótimo, está ótimo», disse ele. «Vamos.» Abriu a porta e foi saindo, tentando apressá-la. O céu era de um violeta moribundo e as casas recortavam-se sombrias contra ele, monstruosidades inchadas cor de fígado, de uma fealdade uniforme embora não houvesse duas iguais. O bairro fora popular quarenta anos antes, pelo que a sua mãe insistia em acreditar que era bom ter ali um apartamento. Cada casa exibia um estreito colarinho de poeira ao seu redor, no interior do qual, frequentemente, se encontrava uma criança encardida. Julian caminhava de mãos nos bolsos, a cabeça baixa e inclinada para a frente e os olhos baços na firme determinação de se anestésiar completamente durante todo o tempo que sacrificasse ao prazer dela.

A porta bateu e Julian virou-se para encarar aquela figura rechonchuda, coroada pelo chapéu abominável, avançando na sua direção. «Bem», disse ela, «só se vive uma vez e, pagando um pouco mais, pelo menos não vou andar por aí igual às outras.»

«Um dia hei de começar a ganhar dinheiro», disse Julian sombriamente — sabia que isso nunca ia acontecer — «e poderá comprar uma coisa dessas sempre que lhe apetecer.» Mas primeiro iriam mudar de casa. Imaginou um lugar onde os vizinhos mais próximos moravam a cinco quilómetros de distância.

«Creio que estás no bom caminho», disse ela, enquanto calçava as luvas. «Só saíste da escola há um ano. Roma e Pavia não se fizeram num dia.»

Era uma das poucas participantes na aula de ginástica que chegava à YMCA de chapéu e luvas e acompanhada por um filho que estudara na Universidade. «Tudo leva o seu tempo», disse ela, «e o mundo está uma confusão tão grande. Este chapéu assentou-me

melhor do que todos os outros, embora eu tenha dito, quando ela o trouxe, “Tire-me isso da frente, não o quero na minha cabeça”, e ela disse, “Experimente-o primeiro”, e quando o fez, disse logo, “Ora ora”, e ela disse, “Se quer saber a minha opinião, esse chapéu combina bem com a senhora, e a senhora combina bem com o chapéu, e além do mais”, disse ela, “com esse chapéu, não vai andar por aí igual às outras”.»

Julian achava que tudo seria mais tolerável se ela se mostrasse egoísta, se fosse uma bruxa velha que bebesse muito e gritasse com ele. Continuou a caminhar, saturado em depressão, como se no meio do seu martírio tivesse perdido a fé. Ao vislumbrar o rosto dele, irritado, desesperado, a mãe parou subitamente com uma expressão de mágoa e puxou-lhe o braço. «Espera por mim», disse. «Vou deixar isto a casa e amanhã vou lá devolvê-lo. Não sei onde estava com a cabeça. Com os sete dólares e meio posso pagar a conta do gás.»

Ele apertou-lhe o braço com um gesto cruel. «Não vai nada devolvê-lo», disse. «Eu gosto.»

«Bem», disse ela. «Mas não sei se deva...»

«Cale-se e desfrute», resmungou, mais deprimido que nunca.

«Com o mundo na confusão que está», disse ela, «é um milagre que consigamos desfrutar de alguma coisa. É como eu digo, anda tudo de pernas para o ar.»

Julian suspirou.

«Mas é claro», disse ela, «quando temos noção de quem somos, podemos ir a qualquer lado.» Dizia isto sempre que ele a levava à aula de ginástica. «A maioria dos que lá estão não são pessoas da nossa categoria», continuou, «mas eu consigo ser bem educada com toda a gente. Tenho perfeita noção de quem sou.»

«Eles estão-se nas tintas para a sua boa educação», disse Julian colericamente. «A noção de quem se é só dura uma geração. Neste momento a mãe não faz a menor ideia de onde está, nem de quem é.»

Ela parou, lançando-lhe um olhar brusco. «Sei perfeitamente quem sou», disse, «e se tu não sabes quem és, sinto vergonha por ti.»

«Ora bolas», disse Julian.

«O teu bisavô foi governador deste estado», disse ela. «O teu avô foi um próspero proprietário rural. A tua avó era da família Godhigh.»

«Olhe à sua volta», disse ele, com a voz tensa, «e veja bem onde se encontra.» Fez um gesto amplo com o braço para abarcar o bairro inteiro, que a escuridão ia tornando um pouco menos esqualido.

«Não deixámos de ser quem somos», disse ela. «O teu bisavô tinha uma plantação com duzentos escravos.»

«Já não existem escravos», disse ele, irritado.

«Pois eles viviam bem melhor quando eram escravos», disse ela. Julian gemeu ao ver que ela se preparava para abordar aquele assunto. Fazia-o a intervalos regulares, como um comboio rápido. Ele já conhecia cada ramal, cada apeadeiro, cada pântano ao longo do percurso, e sabia o momento exato em que a conclusão chegaria triunfantemente ao terminal: «É ridículo. Não é, pura e simplesmente, realista. Eles devem ter os seus direitos, com certeza. Mas do outro lado da vedação.»

«Vamos mudar de assunto.»

«Os que me dão mais pena», disse ela, «são os mulatos. Esses são trágicos.»

«Importa-se de mudar de assunto?»

«Imagina que nós éramos metade brancos e metade pretos. De certeza que andaríamos muito confusos.»

«Eu já ando muito confuso», gemeu ele.

«Bom, vamos falar de algo mais agradável», disse ela. «Lembro-me de ir a casa do avô quando era pequenina. Nessa altura havia uma escadaria dupla que subia até ao que era na verdade o segundo andar — a cozinha ficava no primeiro. Eu gostava de ficar na cozinha por causa do cheiro das paredes. Costumava sentar-me com o nariz encostado ao estuque, a inalar profundamente. Na verdade a casa pertencia aos Godhigh mas foi o teu avô Chestny quem liquidou a hipoteca e conseguiu que não a perdessem. As circunstâncias tinham-se alterado», disse ela, «mas, alteradas ou não, eles nunca se esqueceram de quem eram.»

«Com certeza que aquela mansão decrepita os ajudava a lembrar», resmungou Julian. Nunca falava da mansão sem desprezo e nunca pensava nela sem saudade. Só a vira uma vez, quando era criança, antes de ser vendida. A escadaria dupla tinha apodrecido e sido demolida. Havia negros a viver lá dentro. Mas na sua memória ainda tinha o aspeto com que a mãe a conhecera. Aparecia regularmente nos

seus sonhos. Ele estava sempre de pé no alpendre, a ouvir o restolhar da folhagem dos carvalhos, depois deambulava pelo vestíbulo de teto alto, até ao salão, e ficava a olhar para os tapetes velhos e cortinas desbotadas. Ocorreu-lhe que era ele, e não ela, quem podia apreciar tudo aquilo. Ele preferia aquela elegância decadente a qualquer outra coisa que pudesse imaginar e era por isso que todos os bairros em que tinha morado lhe pareciam um tormento — enquanto ela mal dava pela diferença. A esta insensibilidade, ela chamava “capacidade de adaptação”.

«E lembro-me da pretinha velha que foi minha ama, a Caroline. Não havia melhor pessoa no mundo. Sempre tive um grande respeito pelos meus amigos de cor», disse ela. «Faria tudo por eles e eles...»

«Seria possível, por amor de Deus, mudarmos de assunto?», disse Julian. Quando viajava sozinho de autocarro fazia questão de se sentar ao lado de um negro, em expiação, por assim dizer, pelos pecados da sua mãe.

«Estás muito sensível hoje», disse ela. «Sentes-te bem?»

«Sim, sinto-me bem», disse ele. «Agora deixe-me em paz.»

Ela cerrou os lábios. «Bem, estás obviamente de mau humor», observou. «O melhor é não dizer mais nada.»

Chegaram à paragem. Não havia autocarro à vista e Julian, as mãos ainda enfiadas nos bolsos e a cabeça ainda inclinada para a frente, ficou de sobrolho carregado a olhar para a rua deserta. A frustração de ter de esperar pelo autocarro, para além de ter de andar nele, arrepiou caminho pela sua nuca como uma mão quente. A presença da mãe fez-se sentir quando ela soltou um gemido penoso. Olhou para ela desoladamente. Mantinha-se rigidamente direita debaixo do chapéu grotesco, usando-o como um estandarte da sua dignidade imaginária. Sentiu um impulso malévolo para lhe estragar a boa disposição. Desapertou subitamente a gravata e enfiou-a no bolso.

Ela ficou hirta. «Porque é que insistes em ir *assim* sempre que vais comigo à cidade?», disse ela. «Porque é que insistes em envergonhar-me de propósito?»

«Se a mãe não consegue perceber quem é», disse ele, «pode ao menos ficar a saber quem sou eu.»

«Pareces um — um vagabundo», disse ela.

«Então devo ser um», murmurou ele.